3º CONCENO
O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais
Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE IGUALDADE RACIAL NA FORMAÇÃO DE AGENTES SOCIAIS DE ESPORTE E LAZER

**Dalva de Cássia Sampaio dos Santos**[1]

## Resumo

Este texto traça uma reflexão sobre a temática da igualdade racial como uma abordagem necessária na formação de agentes sociais de esporte e Lazer. O texto pontua brevemente, algumas formas de discriminação históricas sofridas por de negros e negras e na atualidade, principalmente na área do esporte e do lazer. Ainda sugere aos agentes sociais uma atuação pedagógica anti-racista que possa estar a serviço da promoção da igualdade racial.

Palavras-chave: Igualdade racial – Formação de agentes sociais – esporte e lazer

## Introdução

A população negra é um dos principais alvos do preconceito[2] e da discriminação racial[3]. Na atualidade o debate sobre o racismo no Brasil ainda é evitado, tornando a luta pela igualdade racial mais difícil, lenta e por muitas vezes, desqualificada.

O Programa "Esporte e Lazer da Cidade"[4] reconhece a importância do debate da (des)igualdade racial, no eixo da inclusão social (PELC, 2007), na formação do Programa,

[1] Professora de Educação Física. Especialista em Educação e Problemas Regionais e em Educação Física Escolar, Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano/UNAMA–Pa.
Email: dalssia@hotmail.com

[2] Preconceito é um conceito negativo que uma pessoa ou grupo de pessoas tem sobre outra pessoa ou grupo diferente é uma espécie de idéia preconcebida, acompanhada de sentimentos e atitudes negativas de um grupo contra outro. Além disso, é algo como uma predisposição – que não necessariamente resulta em ação, em prática. (BENTO, 2006.p.36)

[3] Segundo BENTO (2006) a discriminação racial tem semelhanças com o preconceito, mas é diferente porque ela se configura como a manifestação do sentimento negativo, em ato concreto, contra outras pessoas ou grupo de pessoas. Por exemplo: Não selecionar negros ou negras para empregos que exijam "boa aparência".

sendo um desafio a todos os envolvidos, a pesquisa, a produção de subsídios facilitadores da formação dos agentes, para que sejam aliados da luta anti-racista.

Esse texto de caráter introdutório ao debate da temática está organizado em dois momentos: no primeiro ele faz um breve panorama da desigualdade racial no Brasil, a partir de alguns estudos teóricos e ressalta as barreiras que ocultam e distorcem a presença do racismo neste país.

O segundo momento reflete a importância desse estudo na formação continuada dos atores e atrizes do Programa. Mapeia situações concretas no cotidiano das práticas de esporte e lazer, em que se revelam o preconceito e a discriminação racial sofrida pelos afrodescendentes e apresenta algumas superações a serem enfrentadas por todos que atuam no Programa, dentro de uma visão crítica.

Expressões ditas aqui como população negra, afro-descendentes, povo negro, negros e negras serão utilizadas como sinônimos identificadores do segmento da população brasileira originária do povo africano que foi escravizado desde o período colonial até o período imperial no Brasil.

**A desigualdade racial na sociedade brasileira.**

A problemática da discriminação contra a população negra, historicamente, tem sido negada no Brasil. Isso acontece pelo fato de ainda ser forte no imaginário brasileiro, a visão de que nossa nação é pacífica e ordeira, onde "todos são iguais perante a lei", e, que se vive, no país do carnaval, da "mulata faceira" e do futebol, a verdadeira democracia racial.

A cultura artística brasileira retratou muito bem esse sentimento de "harmonia" e da imagem do negro e do mulato no Brasil. Na música encontramos Aquarela do Brasil (Ari Barroso), Aquele Abraço e País Tropical de (Gilberto Gil), Aquele abraço ( Jorge Ben Jor), Aquarela Brasileira (Martinho da Vila) e tantos outros. Já na literatura a produção de Jorge Amado, como "Gabriela Cravo e Canela" destaca o perfil das brasileiras a "morena gostosa", pronta para os desejos do homem branco, como uma vocação natural da mulher negra.

Existe uma percepção genérica sobre o Brasil, que aqui todos vivem em harmonia. A idéia de constituição de um povo brasileiro miscigenado, a partir de laços cordiais, com princípios cristãos, tem destaque no pensamento Gilberto Freyre, nota-se neste trecho de seu livro "Casa Grande e Senzala", como ele vê o processo de formação do povo brasileiro:

---

[4] Programa do Governo Federal em que os estados e municípios concorrem através de edital público para receberem recursos financeiros e materiais para pagamento de pessoal e aquisição de material, com o objetivo de ofertarem gratuitamente à comunidade atividades de lazer (esportivas, artísticas turísticas, etc.) para todas as faixas etárias.

> Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. Predominante coletivistas, os vindos das senzalas: puxando para o individualismo e para o privativismo, os das casas-grandes. Confraternização que dificilmente se teria realizado se outro tipo de cristianismo tivesse dominado a formação social do Brasil;( FREYRE, 1996, p.355)

Outra idéia que se alimentou por muito tempo neste país é que a desigualdade entre negros e brancos tem como origem o problema de classe. Essa é uma visão muito propagada, inclusive por uma série de estudos acadêmicos que se reconhecem herdeiros dos ideais marxistas apontam que o problema das desigualdades sociais no Brasil está ligado à questão de ordem econômica e de classe social, sendo os problemas de gênero, de raça, de etnia, colocados em segundo plano, na luta pela transformação da sociedade.

Florestan Fernandes (1978), apesar de descortinar o mito da democracia racial, defende que as origens das desigualdades entre negros e brancos, estão ligadas às diferenças de oportunidades geradas pelo sistema capitalista vigente, que mantém a dominação, a exploração de uma classe sobre a outra.

Já a contribuição de Carlos Halsenbalg (2005) ao debate na sociologia, acerca das desigualdades entre os brancos e os não-brancos no Brasil, parte da reflexão que a desigualdade, para além do fator de classe, da estrutura social atual, ela é marcada também pela questão racial.

> Sem dúvida alguma a grande maioria de negros e mulatos no Brasil é exposta aos mesmos mecanismos de dominação de classe que afetam outros grupos subordinados. Mas além disso, as pessoas de cor sofrem uma desqualificação peculiar e desvantagens competitivas que provém de sua condição racial. (HALSENBAL, 2005.p.20)

A população negra recebe um tratamento desigual em relação ao branco. A prática é resultado de uma visão apoiada em teorias racistas que predominaram o pensamento acadêmico, principalmente na medicina, no séc. XIX e algumas décadas do séc. XX, em que buscavam o fenótipo como elemento determinante da superioridade e inferioridade entre grupos humanos, na qual pessoas negras eram classificadas como inferiores, portanto eram menos dignas, menos humanas, (Schuwarcz,1993), justificando assim a falta de oportunidades para a garantia da ascensão social.

A Mídia no Brasil reproduz com qualidade o preconceito contra os diferentes. Ainda temos na cultura dos programas de noticiários policiais, nos programas de humor e nas próprias telenovelas, a reprodução de preconceitos contra as ditas “minorias”. Os esteriótipos da “loura bonita e burra”, do homossexual de “trejeitos exagerados”, da “mulata gostosa e fácil”, do “idoso esclerosado”, do negro “malandro e não confiável”. Mas todos esses perfis sempre aparecem com atitudes servis, cordiais à lógica da sociedade capitalista.

As telenovelas ainda reforçam uma imagem negativa de negros e negras. Assistir às telenovelas na atualidade é a prática mais comum de entretenimento da maioria da população das classes populares. Elas ainda retratam a imagem de negros e negras, com papéis pequenos, sempre como pobres, favelados, bandidos, etc., mesmo após tantas críticas dos movimentos sociais negros e estudiosos da área. (ARAÚJO, 2006).

Nas raras telenovelas em que negros aparecem como protagonistas, o personagem é frágil que não tem grandes saídas contra o preconceito. A exemplo disso, destacamos a novela global "*Da Cor do Pecado*" onde a personagem "*Preta*" interpretada pela atriz Taís de Araújo, foi do início ao final da novela sendo agredida de diversas formas, que condenaria sua rival, "Barbara" por crime de racismo e a autora preferiu manter a personagem na aceitação das humilhações sofridas.

A realidade vivida pela população negra precisa ser enfrentada como um problema não só do negro, mas de toda a sociedade. Afro-descendentes no Brasil compõem os altos índices, nas estatísticas ligadas às desigualdades sociais. Eles encabeçam as fileiras dos "sem habitação", "sem saúde", "sem emprego", aparecem em destaque nos dados sobre pobreza, violência, analfabetismo e outras mazelas sociais. (BENTO, 2006), (SANTOS, 2000), ( HALSENBALG,2006)

Outro espaço de reprodução do preconceito contra negros e negras é a educação escolar. A educação formal em todos os níveis de escolarização reproduz um currículo, um plano pedagógico, e seus processos educativos, que dão destaque aos valores da cultura européia e pouco se fala sobre a cultura de outros povos constituintes da população brasileira.

**A formação dos agentes de esporte e lazer aliados da luta anti- racista.**

A preocupação com a necessidade da temática na formação de agentes sociais nasce da percepção que ela é pouco aprofundada em pesquisas científicas, nos programas de formação de professores, e na formação do próprio PELC. Nota-se desde as últimas décadas do século XX, até nossos dias, um crescimento acelerado do lazer como objeto de estudos de pesquisadores e estudiosos, do campo da sociologia, da educação, educação física, turismo, propaganda, etc. O que predomina nas produções é um caráter genérico do tema, enfatizando sua origem, importância limites e possibilidades de vivência.

Vale ressaltar que são poucas as iniciativas de pesquisas que identifiquem as identidades, as singularidades na vivência do lazer no Brasil. As produções em sua grande parte nos dão a sensação que a prática desse bem cultural é vivida por uma nação homogênea que

basta conhecer as formas de lazer existentes na sociedade, para assumir pra si uma ou outra atividade.

Se observarmos atentamente, o nosso entorno está contaminado de práticas racistas e discriminatórias contra as pessoas negras. Nas práticas esportivas e de lazer, já está naturalizado, para grande parte das pessoas que freqüentam estádios esportivos apreciarem ou integrar-se à fúria das torcidas, no xingamento de jogadores, dirigentes e/ou juízes, em uma partida de futebol, principalmente, quando esses são negros a desqualificação torna-se mais violenta.

Em 2005 o racismo no futebol mundial ficou estampado. O episódio de desqualificação do jogador Edinaldo Batista Libânio, conhecido como "Grafite", por parte do jogador argentino Desábato, durante um campeonato oficial, aos olhos de todo o mundo, trouxe a tona o problema do racismo no futebol.

Nesse fato, agiram corretamente a vítima e a polícia. A primeira, por ter denunciado e a segunda por ter prendido o agressor, sendo este, um caso exemplar para registrar que racismo no Brasil é crime garantido na Lei 8716 desde 89, e que a mesma deve ser cumprida nesses casos.

Outra questão a ser observada é a baixa presença e/ou ausência de negros em muitas modalidades esportivas e culturais, como: natação, nado sincronizado, ginástica artística, ginástica rítmica, ballet clássico, música clássica, pintura, ciclismo, vôlei, judô, tênis de mesa, tênis de quadra, etc. Assim como, essas práticas que historicamente foram criadas para o enriquecimento cultural dos brancos, das elites dominantes é um desafio permanente a sua popularização e a quebra das barreiras[5] para as práticas dessas atividades, inclusive a da cor da pele.

As formas de esporte e lazer mais comuns vividas pela população negra, geralmente envolvem um menor grau de investimento financeiro para ser vivido, dada as condições econômicas que a maioria da população negra possui no Brasil. Sendo assim, o futebol e o atletismo são modalidades onde mais encontramos praticantes desse segmento.

No cotidiano das atividades do PELC cabe estarmos atentos para atuar positivamente no sentido de valorizar não só vivência das práticas de lazer no Programa, mas também quem está participando, que público se está atendendo. Cabendo a nós, também a tarefa de assumir, como efetivos educadores, o compromisso de conhecer e valorizar o universo de conhecimento, a realidade, a cultura de cada um que está vivenciando conosco processos de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1997).

[5] Marcelino (2000) reflete sobre a questão das barreiras que a população sofre que dificultam a prática do lazer, ele destaca os problemas socioeconômicos de sexo, de idade, o nível de formação, a localização de moradia em relação aos equipamentos de lazer.

Para isso é necessário procurar perceber e combater os pequenos sinais de manifestação de preconceito contra afro-descendentes. Em brincadeiras recreativas ou mesmo em práticas recreativas é rotineiro identificarmos situações como: uma pessoa (principalmente, crianças e adolescentes) mudar de lugar para não tocar em um membro do grupo quando ele é negro.

As piadas racistas devem ser combatidas. São bastante humilhantes para pessoas negras ouvirem de seus colegas de grupo ou de dinamizadores de atividades de lazer ou esporte apelidos que enfatizam a cor da pele ou outra característica que marca negativamente a pessoa identificada aos olhos dos outros. Atitudes dessa natureza acabam por provocar constrangimentos no grupo e principalmente aos negros.

Combater o apelido, que desqualifica e que é tão comum no mundo esportivo. O apelido, dado de forma afetiva na família geralmente contribui para a valorização da auto-estima e da identidade étnico racial. Por outro lado, quando ele é definido a partir de alguma característica natural da pessoa, da qual ela não pode mudar essa condição, o apelido se configura como uma forma de preconceito, que desqualifica o outro de sua condição humana. (SILVA, 2001). Como exemplo temos o próprio jogador citado anteriormente Ednaldo Libâneo que só é conhecido como " grafite" e se olharmos ao nosso redor vamos encontrar dezenas de pessoas negras com apelidos que lhes roubam a condição humana.

A seleção da miss e/ou mister na escola e outras formas de eventos de seleção de beleza muito comuns inclusive através da televisão, ainda reforçam elementos baseados na convenção dos padrões estéticos do esteriótipo europeu, descartando assim que afrodescendentes, pessoas de origem asiática ou indígena tenham a chance de participar.

A forma do olhar, pensar, sentir e agir sobre padrões de beleza para uma pessoa, pode não ser a mesma para outra, essa é uma questão muito individual, ligada aos valores e normas assimilados na família, na escola, na comunidade. Apagar da linguagem cotidiana expressões como: "denegrir a imagem" "a coisa ficou preta" "é negro, mas é honesto..." Estas idéias reforçam um sentimento negativo atribuído a imagem do negro.

Buscar conhecimento sobre a história e a cultura afro brasileira, especialmente as religiões de matriz africana, no sentido de respeitar e valorizar seus seguidores, e suas formas de ser e estar no mundo, como forma de combater a intolerância religiosa.

Essas são algumas atitudes que devem fazer parte do cotidiano de educadores preocupados e crentes na mudança de uma cultura vigente, em relação à população negra. Para tanto o fundamental é buscar formação permanente que amplie o universo de nosso conhecimento sobre a igualdade racial e oriente nossas práticas educativas na direção do combate ao racismo.

Dar visibilidade a importância de conhecermos a temática e atuarmos no campo do lazer e na vida em geral, atentos para o preconceito e a discriminação contra negros e negras prontos para estimular processos de conscientização e sensibilização da população para a igualdade racial, foi o propósito deste texto, espero que tais idéias aqui apresentadas possam abrir novas frentes de reflexão no PELC.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**


ARAÚJO, Joel Zito. Identidade racial e esteriótipos sobre o negro na TV brasileira. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Linn (Orgs.) **Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra,2000.

BENTO, Maria Aparecida S. **Cidadania em Preto e Branco**. São Paulo: Ática, 2006

EWERTON, Andréa N. e FERREIRA, Marcelo P.A. Perfil e Formação dos Agentes Comunitários e a Organização do Trabalho Pedagógico. In: **Brincar, Jogar, Viver: Programa Esporte e Lazer da Cidade** – volume I – nº 1( janeiro,2007)

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classe.** 2ª. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1965.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura).

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da econômica patriarcal**. 31º Ed. Rio de Janeiro, 1996.

HALSENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Tradução Patrick Burglin. 2ª Ed. Belo Horizonte. Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

GOMES, Ana P.P. Respondendo a Professores da Rede Pública sobre a Questão Racial. In: ABRAMOWICZ, Anete, BARBOSA, Maria A. e SILVERIO, Valter R. ( Orgs) **Educação como Prática da Diferença**. Campinas,SP:Armazém do Ipê ( Autores Associados), 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer:** uma introdução. 2ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2000. – (Coleção educação física e esportes)

MELO, Vitor Andrade de; ALVES JR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer** . Barueri, SP: Manole, 2003.

SANTOS, Hélio. Uma avaliação do combate às desigualdades raciais no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Linn (Orgs.) **Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil** – 1870. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático** – Salvador, BA, EDUFBA, 2001.